

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Gisele Silva Rodrigues<sup>1</sup>**

*ggiselerodrigues@gmail.com*

Entrevista com Carlos Walter Porto-Gonçalves durante a Feira e Festa de Sementes, Mudanças e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade - Seminário de Biodiversidade e Sementes Crioulas, realizado nos dias 07 a 10 de julho de 2011 na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão.

### **1 - O que representa um evento como este, com três movimentos sociais (MST, MCP, MAB) de importância no campo discutindo Biodiversidade?**

**Resposta** - O evento vem de encontro a um fenômeno de magnitude mundial. Temos visto, nos últimos trinta anos, manifestações pela dignidade dos territórios na Bolívia, no Equador, entre outros países. Vê-se o surgimento, na cena política desses países, da luta dos camponeses e dos povos indígenas como jamais se tinha visto na história. São populações que foram desqualificadas ao longo da história e que agora vêm com um debate político oferecendo reflexões da maior importância não para si próprios, mas para a humanidade como um todo. Penso que isso ocorre por estarmos exatamente nesse momento diante desse debate da questão ambiental. É um debate no qual a humanidade tenta se (re)apropriar socialmente da natureza. O que eu quero dizer com isso é que a natureza veio com o processo de expulsão do homem do campo jogados na cidade. Na verdade, a natureza ficou a disposição para ser usada como mercadoria pelo capital. Isso significa que a natureza se tornou objeto de acumulação de capital, em que

não segue nenhuma contradição. Por exemplo, em um depoimento que colhi, perguntei a um plantador de tomate por que estava jogando agrotóxico no tomate que plantava. Ele me respondeu que o tomate era para vender e não para comer. Isso foi em 1970. Hoje, obviamente, é diferente. Hoje, o discurso seria politicamente correto. Ou seja, continuam fazendo, mas não mais falando. Porque, na verdade, a natureza ficou a serviço do processo de acumulação do capital, sendo dominada para isso. Como estamos vendo hoje, a humanidade está passando por vários dilemas como o aquecimento global, perda da biodiversidade,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia UFG/CAC. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq).

problemas derivados da produção industrial alimentícia, tanto dos alimentos vegetais como animais. Vimos aí que a vaca ficou louca, o frango ficou gripado. Estamos comendo cada vez pior, na medida em que estamos comendo produtos padronizados, que já não respeitam as estações do ano, que já não respeitam as diferenças das qualidades dos solos. Na verdade, isso representa um desrespeito imenso a uma cultura de sabores, que vem dos saberes dos próprios camponeses. O que estamos vendo em Catalão durante estes dias são os camponeses discutindo Biodiversidade, porque eles são expressão dela. Quantas formas de comida existem, quantos sabores existem? Isso tudo faz parte dos saberes camponeses, sem falar dos remédios, que vieram das ervas que foram experimentadas a mais de dez mil anos atrás. Esse debate que se trava durante esses dias vem de encontro a uma discussão mais ampla, a respeito do que a humanidade está fazendo do planeta. Parabênizo o evento e me sinto honrado em fazer parte dele.

O que eu vejo é o surgimento dos movimentos sociais no sentido propor um modelo que possa oferecer uma comida de qualidade, uma comida que tenha sabor, e ao mesmo tempo seja saudável. Uma comida que consiga respeitar os ciclos da natureza, portanto que precisa do campesinato. Penso que a luta dos camponeses não é específica do campesinato. A questão da reforma agrária não é uma questão exclusiva dos camponeses. É uma questão de interesse social para promover um novo modo de produzir alimentos, um novo modo de produzir paisagens. Quem de nós, considerados urbanos, não gosta de viajar e ver paisagens diferenciadas? Por trás das diferenças regionais, há uma cultura camponesa. Essa cultura é de enorme importância. Por isso, deve ser mantida pois é ela que vai proporcionar uma comida sem agrotóxicos, um rio sem contaminação, um ar que não esteja poluído. São exatamente esses problemas que estamos discutindo na humanidade, que é o processo de devastação ambiental. E o capitalismo tentando se livrar disso para vender tecnologia, fazendo disso uma forma de ganhar dinheiro. Dessa forma, os camponeses se colocam numa encruzilhada. A encruzilhada é uma metáfora bonita. A humanidade está numa encruzilhada e precisa refletir para onde vai. E os camponeses têm caminhos a oferecer. Eles têm uma relação com a natureza diferente da nossa. Portanto, o campesinato é um patrimônio de conhecimento, de formas de comida e bebida. Na época que não tinha geladeira, usava-se o sal para conservar a carne. Fazia-se doces para não estragar as frutas. Fazia-se os queijos para não desperdiçar o leite. E de onde vem isso? Vem do campesinato. Eu acho hoje que o campesinato está com a faca e o queijo na mão.

Transcrição: Gisele Silva Rodrigues